

Religião e sincretismo em Jorge Amado

REGINALDO PRANDI



Com Mãe Menininha do Gantois, Salvador, 1975

QUEM LÊ JORGE AMADO ENCONTRA EM MUITOS de seus livros referências ao candomblé, religião afro-brasileira dos orixás, deuses de origem africana. O candomblé se formou no Brasil no século XIX e esteve até os anos 1960, mais ou menos, restrito à Bahia, especialmente a Salvador e cidades do Recôncavo Baiano. Depois disso, foi se tornando mais conhecido e se espalhou por todo o país. Hoje está presente também em outros países, como Argentina, Uruguai, Portugal, Itália. Mais que uma religião, o candomblé tem sido uma fonte importante na formação da cultura brasileira, e muitos de seus elementos estão presentes na literatura, no cinema, no teatro e na televisão, na música popular brasileira, nos enredos de escolas de samba, na culinária e mesmo em padrões estéticos e hábitos e valores que, dos **terreiros**, extravasaram para a cultura não religiosa.

Jorge Amado contribuiu decisivamente com seus romances para a divulgação do candomblé. Ao lado dele se destacaram especialmente o fotógrafo e etnógrafo Pierre Fatumbi Verger, o sociólogo Roger Bastide e o artista plástico Carybé, três estrangeiros comprometidos com a cultura e a sociedade brasileiras. A familiaridade dos quatro com a religião dos orixás foi de grande valia na construção de suas inspiradas obras literárias, artísticas e científicas e lhes rendeu reconhecimento por parte do candomblé, que retribuiu com cargos honoríficos e dignidades que os terreiros costumam conferir a protetores e amigos importantes.

Ainda moço, Jorge Amado recebeu de pai Pro-cópio, do terreiro do Ogunjá, seu primeiro título no candomblé, o de **ogã**. Depois vieram outros. No candomblé Axé Opô Afonjá, fundado na primeira década do século XX pela mãe de santo Aninha Obabí (Eugênia Ana dos Santos), Jorge Amado ocupou uma das doze cadeiras do conselho dos **obás** de Xangô,

TERREIRO DE CANDOMBLÉ. Terreiro é o nome que se dá ao templo de candomblé e de outras religiões afro-brasileiras. Nos primeiros tempos, os rituais eram celebrados no quintal de alguma edificação urbana ou numa roça afastada, isto é, no terreiro, ao ar livre. Depois, passou-se a construir um barracão coberto de sapê onde se realizavam as danças sagradas, cômodos para abrigar os altares dos orixás e a clausura, onde se fazem as iniciações secretas. Esse conjunto é chamado ainda hoje de terreiro. O local das danças cerimoniais, do mesmo modo, é denominado barracão, embora seja agora um salão de alvenaria, como as demais dependências. Em iorubá, uma das línguas rituais do candomblé, o templo ou terreiro é chamado de ilê axé.

orixá a que esse terreiro é consagrado. Esses títulos são vitalícios e Jorge Amado muito se orgulhava deles, dizendo ser um obá antes mesmo de ser um literato.

Nos livros de Jorge Amado, o candomblé, com seus **orixás, pais e mães de santo**, ogãs e **filhos de santo**, compõe o cotidiano dos personagens com a mesma força e naturalidade que podemos sentir no contato com gente do lugar.

Em *Jubiabá* — cujo título, aliás, vem do nome do pai de santo que é personagem central no romance —, Jorge Amado descreve em pormenores vibrantes cenas de rituais de candomblé, inclusive com trechos de cantos em iorubá, uma das línguas africanas usadas nos ritos. No capítulo “Macumba”, o narrador conta como Exu é “despachado” para longe logo no início da festa, para não perturbar a cerimônia com suas brincadeiras e estripulias. Descreve os sons dos atabaques, xequerê e agogô, cujo ritmo faz os corpos vibrarem; a disposição em que os ogãs se sentam no barracão de danças; o momento em que as “feitas” da casa começam a receber os orixás — não sem esclarecer direitinho para o leitor a diferença entre **ogãs, feitas** e a assistência comum. Ao descrever a manifestação do orixá Xangô no transe de uma filha de santo, a intenção didática se mistura ao colorido poético:

OGÃS, OBÁS E OUTROS DIGNITÁRIOS. A pessoas com prestígio e visibilidade na sociedade, e que se mostram amigas e protetoras do terreiro, o candomblé atribui cargos honoríficos muito valorizados pelo povo de santo. O cargo honorífico mais conhecido é o de ogã, ou protetor. No terreiro Axé Opô Afonjá, há um conselho de doze ministros que ajudam a mãe de santo na administração do templo. São chamados obás ou mogbás de Xangô. Jorge Amado ocupava uma das cadeiras nesse conselho, e seu cargo era denominado obá Arolu. Outros famosos com assento no conselho dos obás: o compositor Dorival Caymmi, o artista plástico Carybé, o escritor Antonio Olinto, o artista plástico Mario Cravo, o antropólogo Vivaldo da Costa Lima, o jornalista Muniz Sodré, o compositor, cantor e ex-ministro da Cultura Gilberto Gil.

[...] era Xangô, o deus do raio e do trovão, e como desta vez ele tinha pegado uma feita, a negrinha saiu da camarinha vestida com roupas do santo: vestido branco e contas brancas pintalgadas de vermelho, levando na mão um bastãozinho.

A mãe do terreiro puxou um cântico [...]:

Edurô demin lonan o yê!

Em *Tenda dos Milagres*, a amada de Pedro Archanjo, Rosa de Oxalá, tem seu orixá na composição do próprio nome; um professor estrangeiro de visita à Bahia é levado pelos anfitriões à festa de Iansã no terreiro do Alaketu, onde recebe explicações sobre o culto; e o protagonista do romance, Pedro Archanjo, é também conhecido como Ojuobá, que significaria, em iorubá, “os olhos de Xangô” e traria a Archanjo toda sua perspicácia na observação e no registro da realidade que o cercava. Ojuobá é usualmente um título dado a um homem influente que representa uma espécie de informante da mãe de santo sobre o que acontece

na cidade, um embaixador e defensor do candomblé junto às autoridades da sociedade fora do terreiro. Há um trecho no livro em que a despedida da personagem Doroteia é anunciada por meio de sua última aparição no terreiro que frequentava:

Nem de todo se firmara e já Iansã a possuía num grito que acordou os mortos. [...]

As equedes conduziram os encantados para as camarinhãs onde mudariam as vestimentas, após dançarem as cantigas rituais. Quem mais dançou foi Iansã em meio aos seis Oguns. Era em despedida mas ninguém sabia.

No intervalo da troca de roupa, em outra sala, serviram a comida de Ogum, régio banquete.

[...] um a um entraram no barracão os orixás com emblemas, armas, ferramentas. Mãe Majé Bassã puxou o canto, Oxóssi deu começo à dança.

Cadê Iansã, por que não voltara ao barracão? Dela se ouviu o eco de um ruído na distância. Silvo de trem? Não, o apito de um navio. No vão da porta todos viram Doroteia pela derradeira vez.

A religião na Bahia, como em Jorge Amado, não se separa do mundo real, que se mostra cheio de mistério, segredo e magia. Como é próprio do universo dos mistérios e segredos, esse cotidiano também está sempre permeado de ciladas e enganos e até de falsidades e mentiras. A vida nunca é exatamente o que parece ser, nem deixa de ser o que de fato é. Ingrediente excepcional para fazer crescer um bom enredo. De um lado, homens e mulheres que se comportam como os deuses se comportariam se vissem na Terra; do outro, orixás que precisam dos seres humanos para se alimentar no repasto dos ebós, para **dançar** na roda das feitas, para rememorar no **transe** das iaôs suas míticas aventuras. Sem nunca perder — deuses e mortais — a sensualidade, a malícia e a alegria de ser.

Em matéria de religião, Jorge Amado é, antes de mais nada, sincrético. Como é sincrética a Bahia, seu personagem principal. Jorge Amado dava pouca importância à pretensão desse ou daquele terreiro de ser mais “puro”, mais legítimo ou mais genuíno que os outros. Tratava a todos como igualmente importantes e misturava todas as **nações de candomblé**. Santos católicos e orixás se confundem no enredo de seus romances na mais fina tradição do sincretismo.

POVO DE SANTO E FAMÍLIA DE SANTO.

O conjunto de todos os seguidores das religiões afro-brasileiras é chamado de povo de santo. O termo “santo” é uma tradução livre para o português da palavra “orixá”, da língua iorubá. Povo de santo quer dizer, portanto, povo de orixá, povo que cultua os orixás.

O candomblé reproduz simbolicamente a antiga família iorubá, que no Brasil foi completamente destruída pela escravidão. A comunidade do terreiro é chamada de família de santo, e cada um de seus membros ocupa um lugar na hierarquia, isto é, nos diferentes níveis de poder. Seus membros são designados como os componentes de uma família comum. Acima de todos está a mãe de santo ou o pai de santo, que são os sumos sacerdotes de um terreiro. Abaixo estão os filhos de santo. Os filhos da mesma mãe ou pai de santo se consideram irmãos de santo. Cada um tem seus parentes colaterais, tios de santo, sobrinhos de santo etc.



O escritor Manuel Querino, uma das pessoas que inspiraram o personagem Pedro Archanjo, de *Tenda dos Milagres*

IAÔS, FEITAS, EQUEDAS E ALABÊS. As obrigações iniciáticas preparam o filho ou filha de santo para que os orixás se manifestem em seus corpos durante o transe ritual. Os filhos de santo que entram em transe são chamados iaôs, ou feitos e feitas. Além dos iaôs, há a classe dos que não entram em transe, constituída de equedes e ogãs. Equedes são as mulheres encarregadas de cuidar dos orixás manifestados nos iaôs e dançar com eles. Os homens que não entram em transe são os axoguns, responsáveis pelos sacrifícios votivos, os alabês, que tocam os atabaques, e os que cuidam de outras tarefas indispensáveis ao culto e ao funcionamento e proteção do terreiro. São genericamente chamados ogãs. Alguns são ogãs honoríficos, com encargos de cunho mais social que religioso.

EBÓ, TRANSE E DANÇA. Os deuses do candomblé devem ser alimentados e vestidos como qualquer membro de uma família. O ebó — oferenda ou sacrifício — contém tudo de que eles necessitam: comida, bebida, roupa, adornos e outros produtos de uso pessoal. É preciso conhecer o gosto do orixá para que o ebó seja aceito por ele. Os orixás também gostam de dançar e usam o corpo das feitas, no transe ritual, para se juntar aos seres humanos nas cerimônias dançantes de confraternização entre deuses e mortais. Nesses momentos rituais, por meio de intrincada coreografia, eles representam passagens de suas mitológicas aventuras na Terra. Porque um dia foram seres humanos como nós.

Sincretismo

O sincretismo foi um mecanismo cultural decisivo para a reconstituição das religiões africanas no Brasil. A própria palavra “santo” serviu de tradução para “orixá”, inclusive nos termos “mãe de santo”, “filho de santo”, “povo de santo” e outras palavras compostas em que originalmente a palavra africana era orixá. E esse santo é o santo católico.

O candomblé se formou e se transformou no contexto social e cultural católico do Brasil do século XIX. Pelo sincretismo, os orixás passaram a ser identificados com os santos, sendo louvados, assim, tanto nos terreiros como nas igrejas. Os seguidores dos orixás no Brasil, especialmente nos primeiros tempos, eram também católicos, e muitos rituais realizados no terreiro eram complementados por cerimônias atendidas na igreja.

Isso mesmo, candomblé e Igreja católica andam juntos. Nem podia ser diferente. Antes da primeira constituição republicana brasileira, de 1891, o catolicismo era a religião oficial do Estado e a única tolerada. Nesse período anterior à República, atos civis como o registro de nascimento e o casamento eram atribuições das paróquias católicas. Quem era brasileiro devia ser também católico, ou não tinha lugar na sociedade. O candomblé nasceu, assim, como uma espécie de segunda religião de negros católicos, fossem escravos ou livres, nascidos no Brasil ou na África. Só em anos recentes o candomblé foi se tornando religião autônoma, apartada do catolicismo, mas o sincretismo ainda persiste na maioria dos terreiros. O candomblé, que aos poucos vai deixando de lado o sincretismo, dos anos 1960 para cá vem se transformando em religião para todos, sejam negros, pardos, brancos ou amarelos, sem fronteiras de etnia, cor, classe social ou origem geográfica.

Nos romances de Jorge Amado, entretanto, o candomblé ainda não se separa do catolicismo. Em *O compadre de Ogum*, na dúvida quanto à escolha do padrinho — eram vários os candidatos em disputa pela honraria —, um personagem sugere que o menino, filho de um ogã de candomblé, seja batizado “no padre, no espí-

rita, nas igrejas de crente de todo jeito [...]. Para cada batizado, tu escolhia um padrinho...”. Nenhum dos candidatos ficaria de fora, ninguém sairia melindrado por não ser escolhido. Mas o narrador se pergunta:

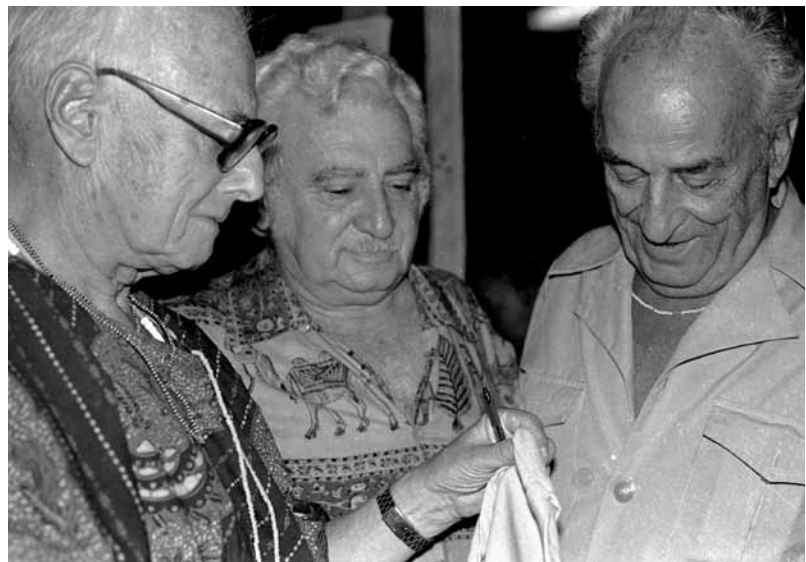
Que diabo iria o menino fazer pela vida afora com todas essas religiões, não ia ter tempo para nada, a correr de igreja para igreja. Bastava com o católico e o candomblé que, como todos sabem, se misturam e se entendem... Batizava no padre, amarrava o santo no terreiro. Para que mais?

Desde os tempos de sua formação até recentemente, o candomblé sofreu intensa perseguição por parte de autoridades do governo, polícia e muitos órgãos da imprensa, que mantiveram nas páginas de jornais campanhas odiosas contra uma prática religiosa que julgavam, de forma preconceituosa, magia negra, coisa do diabo, coisa de negro, enfim. Como se fosse uma praga prejudicial ao Brasil que devia ser erradicada. O preconceito racial, que considerava o negro africano um ser inferior ao homem branco, se desdobrou em preconceito contra a religião fundada por negros livres e escravos. Aos longo de mais de um século, em diferentes partes do país, terreiros foram invadidos, depredados e fechados, pais e filhos de santo, presos, objetos sagrados, profanados, apreendidos e destruídos. Isso obrigou o candomblé a se esconder, buscando lugares distantes, às vezes no meio do mato, para poder realizar suas cerimônias em paz. Transformou-se numa religião de muitos segredos, pois tudo tinha que ocultar dos olhares impiedosos da sociedade branca. O sincretismo católico lhe serviu também de guarida e disfarce. A presença de um altar com os santos católicos ocupando lugar de relevo no barracão do candomblé

NAÇÕES DE CANDOMBLÉ. A religião dos deuses africanos é denominada xangô em Pernambuco, tambor de mina no Maranhão e batuque no Rio Grande do Sul. No Rio de Janeiro, proveniente de cultos baianos e locais, houve uma antiga religião denominada macumba, que no início do século xx, em contato com o espiritismo kardecista, se transformou na mais nova religião afro-brasileira: a umbanda.

Há muitas variantes rituais do candomblé, dependendo da origem étnica africana predominante nos terreiros fundados na origem dessa religião. Cada variante étnica é chamada de nação de candomblé. As principais nações de candomblé originárias dos povos Iorubá, também chamados nagôs, são as nações queto, alaqueto, ijexá e efã. Das tradições religiosas dos povos fons surgiu a nação jeje. De povos bantos se originaram as nações angola e congo, além da nação do candomblé de caboclo.

Com Pierre
Verger e Carybé





Com Zélia Gattai, Jean-Paul Sartre e Simone de Beauvoir, visitando Mãe Senhora

dos orixás. A perseguição aos terreiros pela polícia — que às vezes também, paradoxalmente, atuava como protetora — e os artifícios usados pelos afro-brasileiros e seus orixás na defesa de sua religião estão na trama de *Tenda dos Milagres*, um romance a favor da liberdade e do direito de todos, e contra o preconceito racial e a intolerância religiosa. O personagem que persegue os terreiros é o truculento delegado Pedrito Gordo — uma referência a Pedro Gordilho, policial verídico que entrou para a história como perseguidor inclemente dos terreiros de candomblé.

A despeito das perseguições sofridas e da necessidade de disfarçar e esconder sua crença, os seguidores do candomblé nunca deixaram de acreditar que o mundo é governado pelos orixás, cada um cuidando de uma parte, numa espécie de divisão do trabalho divino. (*Vide* apêndice.)

Além da regência que cada orixá desempenha sobre um aspecto da natureza, a cada um é reservada uma atividade específica no cuidado da sociedade, da cultura ou da psicologia do ser humano. Também há uma divisão do trabalho sagrado entre os santos católicos — resquício do velho paganismo politeísta em que medrou o primitivo catolicismo em países da Europa. Esse poder de cada um sobre determinadas dimensões do mundo natural e social juntou santo e orixá numa só devoção. Também são unidos num só por seus feitos mitológicos notáveis.

Ogum é o orixá da metalurgia e também o deus da guerra. Seu aspecto guerreiro o associou a santo Antônio, que na Bahia colonial teria sido o defensor da cidade contra invasões estrangeiras. A igreja de santo Antônio, localizada no alto do Porto da Barra, era a fortaleza da qual o santo defendia a entrada da baía de Todos os Santos. Nos estados do Rio de Janeiro e de São Paulo, onde a tradição de santo Antônio guerreiro foi sobrepujada pela do santo casamenteiro, o sincretismo buscou outro santo correspondente a Ogum: o guerreiro são Jorge.

Na Bahia, são Jorge é identificado como Oxóssi pelos fantásticos feitos mi-

indicava, e em muitos terreiros ainda indica, que as pessoas ali reunidas são, antes de mais nada, católicas.

Hoje a Constituição do Brasil garante a liberdade de culto, e o candomblé e outras religiões afro-brasileiras se livraram — quase sempre — da perseguição policial, mas ganharam outros inimigos poderosos: certas igrejas evangélicas que incentivam entre seus adeptos a intolerância religiosa e que usam inclusive seus programas na televisão para sistemática propaganda contra as religiões

tológicos de cada um. O orixá da caça matou o pássaro maléfico enviado pelas Velhas Feiticeiras; são Jorge matou o dragão da maldade. Ambos livraram a humanidade de um grande sofrimento. Mas em outras regiões do país Oxóssi foi sincretizado preferencialmente com são Sebastião, provavelmente porque na iconografia dos dois a flecha ocupa um lugar especial: Oxóssi, o orixá caçador, usa as flechas para caçar; são Sebastião, santo mártir, foi supliciado com flechadas. A flecha, por estranho que pareça, é o elemento de ligação entre os dois, não importa a que se destina.

Xangô é o orixá do trovão, do governo e da justiça. Foi sincretizado com são Jerônimo, santo tradutor da Bíblia do hebraico e do grego para o latim, santo também invocado para se pedir proteção contra os temporais. O poder sobre as intempéries fez de são Jerônimo Xangô, e vice-versa. Iansã, uma das esposas de Xangô, divide com ele o patronato das tempestades e é cultuada como orixá do raio, além de ser o orixá responsável pela condução do espírito dos mortos ao outro mundo. Foi sincretizada com santa Bárbara, que também protege o homem do raio.

Oxum, outra esposa de Xangô, é responsável pela fertilidade da mulher, pelo amor e pela beleza. Além de mulher bonita e vaidosa, é uma das grandes mães do panteão do candomblé. Foi identificada com Nossa Senhora da Conceição, mãe dos católicos. Em São Paulo, com Nossa Senhora da Conceição Aparecida, a mãe negra.

Logum Edé é filho de Oxum e de Erinlé, dos quais herdou os patronatos da caça e da pesca. Diz-se que metade do ano vive na mata, alimentando-se de caça, e metade do ano no rio, comendo peixe. Seria alternadamente masculino e feminino, dualidade representada pelos dois pratos da balança. Por seu símbolo, foi identificado com são Miguel Arcanjo, que leva a balança numa das mãos e a espada ou lança na outra.

O mais velho dos orixás é Nanã, ou Nanã Burucu, que se acredita ser mãe de Omulu e Oxumarê. Vive no fundo dos lagos e seu elemento é a lama, com que Oxalá moldou o ser humano. Por sua idade avançada é sincretizada com Santana, mãe da Virgem Maria e avó de Jesus Cristo. Seu filho Omulu é o orixá da varíola. Protege contra doenças da pele e epidemias; é chamado de médico dos pobres. Usa um capuz de palha da costa que o cobre da cabeça aos pés e

Dança de Oxum em terreiro de candomblé



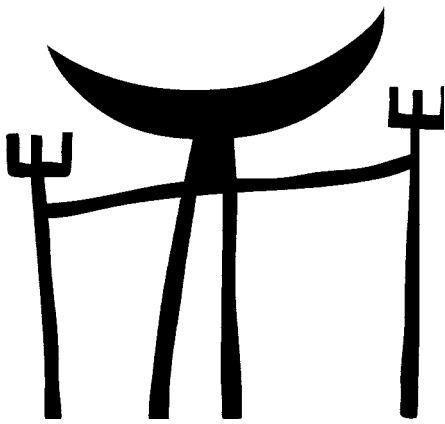


Ilustração de
Kiko Farkas sobre
Exu de Carybé

esconde sua pele arruinada pela varíola. Omulu foi associado a santos católicos igualmente marcados pelas chagas: são Roque e são Lázaro. Oxumarê, o outro filho de Nanã, é o orixá do arco-íris, que na terra se manifesta na forma de uma serpente. Por causa desse réptil é associado a são Bartolomeu, que, segundo antiga crença baiana, nos livra da picada de cobra.

Nossa Senhora é reverenciada mais uma vez pelo candomblé como a grande mãe de Deus e dos homens. Sua invocação como Nossa Senhora da Conceição a identifica igualmente com Iemanjá, mãe dos peixes, dos orixás e dos

homens, considerada pelos devotos do candomblé como a grande mãe africana do Brasil. Por sua ligação com o mar, Iemanjá é sincretizada também com Nossa Senhora dos Navegantes. As duas guardam a vida dos pescadores.

Oxalá, o Grande Orixá, o Grande Pai, criador do homem e da mulher, ocupa o lugar mais elevado do panteão do candomblé. É reverenciado pelos seres humanos e pelos demais orixás, que lhe devotam grande respeito. Só lhe cabia a equivalência com Jesus Cristo, razão de ser da própria religião católica. Quando jovem, Oxalá é Oxaguiã, sincretizado com o Menino Jesus.

Acima de Oxalá está Olorum ou Olodumare, deus supremo criador dos orixás, aos quais deu a tarefa de criar e governar o mundo. É sincretizado com o Deus único dos judeus, cristãos e muçulmanos. Olorum, porém, é um deus distante e inacessível, que não interfere no mundo dos homens. Não recebe culto, festa ou oferendas. Tudo aqui se resolve com os orixás. E com os santos. (*Vide* apêndice.)

O quadro de correspondência estava quase completo, cada orixá com seu santo. Acima de todos os santos-orixás estava Oxalá, equiparado a Jesus, o Deus Filho. Só faltava encontrar o equivalente ao Diabo. Não foi preciso procurar; Exu tinha tudo para ocupar o papel. Os africanos não conheciam a figura do Diabo, e não separavam o bem do mal em campos opostos e irreconciliáveis como na tradição judaico-cristã. O bem e o mal andam juntos em cada coisa, em cada pessoa. Nessa cultura, Exu era tão somente o mensageiro dos orixás. Contudo, seu caráter de herói divino trapalhão, que a antropologia chama de *trikster*, que gosta de brincar e confundir, que adora comer e beber sem limite, que cobra pelos seus favores, que exhibe a própria sexualidade e induz à quebra das regras e à ruptura dos costumes, tudo isso fez de Exu, aos olhos dos primeiros cristãos que conheceram a religião dos orixás, ainda na África, um candidato natural ao posto de demônio. No sincretismo que mais tarde se constituiu no Brasil, seu lugar já estava demarcado. O orixá da transgressão, do movimento e da mudança foi posto injustamente no lugar do Diabo. Mas é um diabo alegre, domesticado,

com o qual se pode negociar e conviver. Muitos o tratam com intimidade e o chamam de compadre. É assim também o Exu sincrético de Jorge Amado.

O sincretismo é um tema polêmico e de diferentes interpretações. A concepção de sincretismo de Jorge Amado se distancia, por exemplo, daquela de Roger Bastide, sociólogo francês, professor da Universidade de São Paulo, pesquisador pioneiro e autor de obras clássicas sobre o candomblé. Nas décadas de 1950 e 1960, Bastide estudou os terreiros em busca de uma continuidade dos legados culturais africanos em meio a processos modernizadores que transformavam a sociedade brasileira. Em livros como *O candomblé da Bahia*, de 1958 — até hoje influente nos estudos da religião —, sua preocupação era encontrar e entender a permanência da África no Brasil, isto é, a sobrevivência da cultura africana em nosso país. A sobreposição de elementos do candomblé e do catolicismo teria sido facilitada, segundo ele, graças às relações pessoais e à troca de favores mágicos por devocionais, como as promessas e oferendas, que os africanos mantinham com seus orixás, e os portugueses, com seus santos católicos. Segundo Roger Bastide, sincretismo significa uma justaposição: “Os três folclores — índio, negro, branco — não se confundem [...] eles se superpõem e coexistem”. O folclore não mistura nem as cores, nem as classes. Jorge Amado, ao contrário, insistia na brasilidade dos africanismos, acreditava na fusão harmônica de tradições de origens diferentes, e sempre reiterou que santa Bárbara e Iansã são uma só entidade, assim como ocorre com santo Antônio e Ogum, e outros pares sincréticos. Para ele, o orixá brasileiro, com sua nova face católica, é diferente do orixá africano original. Assim, em *O sumiço da santa*, tanto faz se referir a santa Bárbara ou Iansã, vistas como uma única personagem. No sincretismo de Jorge Amado, catolicismo e candomblé não são de forma nenhuma inconciliáveis.

Homens e deuses nos romances de Jorge Amado

Sacerdotes e sacerdotisas são tratados por Jorge Amado com o respeito devido a seus cargos, mas nunca deixam de ser gente do povo, homens e mulheres pobres que dão duro para viver. No dia a dia do homem simples da Bahia — trabalhadores braçais, barqueiros e pescadores, profissionais de pequenas letras, mulheres virtuosas de conduta irrepreensível ou não, donas de casa, cozinheiras, prostitutas e cafetinas, gente de todo tipo, enfim — conta-se com os favores dos orixás e **encantados** para resolver problemas e aflições do mundo material, do amor, da sexualidade, das relações sociais.

ENCANTADOS E CABOCLOS. Encantado é o nome genérico de entidades e guias espirituais cultuados nos chamados candomblés de caboclo e em outras denominações religiosas afro-brasileiras, sobretudo as de origem banto. Entre eles se destacam os caboclos, que são espíritos de indígenas, e os pretos velhos, espíritos de antigos escravos africanos. Em muitos terreiros o termo “encantado” pode ser usado também para se referir a orixás. Jorge Amado usa com frequência a palavra “encantado” para designar um orixá ou um caboclo.



Jorge Amado e o
obá Camafeu de
Oxóssi

levada pelo rio de Santo Amaro da Purificação a Salvador. Quem dirigia o saveiro que transportava a estátua, vale notar, era Maria Clara, que havia sido personagem de *Mar morto* décadas antes. A imagem religiosa era esperada para uma exposição no Museu de Arte Sacra. Ao chegar à capital da Bahia, porém, ganhou vida e saiu passeando cidade, transformada em Iansã — sua outra face, sua identidade no candomblé —, o que causou muita confusão. Em torno do desaparecimento da santa surgem pequenas tramas e desfilam vários personagens, entre os quais escritores, políticos, artistas e amigos de Jorge Amado.

Jorge Amado descreve assim a fuga de santa Bárbara:

Antes que mestre Manuel e Maria Clara, terminada a amarração do saveiro, fossem cuidar do transporte da imagem, a santa saiu do andor, deu um passo adiante, ajeitou as pregas do manto e se mandou.

Num meneio de ancas, santa Bárbara, a do Trovão, passou entre mestre Manuel e Maria Clara e para eles sorriu, sorriso afetuoso e cúmplice. A ebômi colocou as mãos abertas diante do peito no gesto ritual e disse: “Eparrei Oiá!”. Ao cruzar com o padre e a freira, fez um aceno gentil para a freira, piscou o olho para o padre.

Lá se foi santa Bárbara, a do Trovão, subindo a rampa do Mercado, andando para os lados do elevador Lacerda. Levava certa pressa, pois a noite se aproximava e já era passada a hora do padê. Também o negro bem-posto se inclinou ao vê-la, tocou o chão com os dedos, depois os levou à testa e repetiu: “Eparrei!”. O negro era Camafeu de Oxóssi, obá de Xangô, barraqueiro do Mercado, solista de berimbau, outrora presidente do Afoxé Filhos de Gandhi [...]. Antes que as luzes se acendessem nos postes, Iansã sumiu no meio do povo.

Jorge Amado chama santa Bárbara pelo epíteto “a do Trovão”, como é chamada Iansã nos terreiros de candomblé. “Eparrei!” é o brado com que se saúda

Os orixás se intrometem na vida de homens e mulheres, disputam entre si os favores dos seres humanos, despertam paixões insondáveis. A partir de certo ponto é difícil separar o que é deste mundo e o que não é. Homens, mulheres, deuses, orixás, santos e encantados conformam um universo ao mesmo tempo mágico e real.

Uma boa ilustração é *O sumiço da santa*, que narra o desaparecimento de uma estátua de santa Bárbara que fora

o orixá das tempestades nos rituais afro-brasileiros. “Eparrei, Santa Bárbara!”, gritam com solene respeito os personagens de Jorge Amado.

É a Bahia de Jorge Amado, com sua gente e seus deuses quase humanos. Uma Bahia acima de tudo sincrética, povoada por negros, mulatos e brancos que se ajoelham nas igrejas e dançam nos terreiros, com a mesma devoção e total sinceridade. Gente que sabe que o melhor da vida é viver, e viver bem, e que não há nenhum lugar melhor do que este nosso velho mundo — como ensina a tradição dos terreiros, que Jorge Amado não se cansa de reiterar.

APÊNDICE

Os ORIXÁS

AJALÁ: orixá da Criação responsável pela cabeça dos seres humanos.

ERINLÉ: orixá da mata que margeia os rios; caçador pai de Logum Edé.

EUÁ: orixá das fontes, guardiã dos segredos.

EXU: orixá mensageiro; dono das encruzilhadas e guardião da porta de entrada das casas.

IANSÃ ou OIÁ: orixá dos ventos, do raio, da tempestade, uma das esposas de Xangô.

IBEJIS: orixás gêmeos, protetores da infância.

IMANJÁ: orixá do mar, mãe dos orixás e mãe da humanidade.

IFÁ ou ORUNMILÁ: orixá do jogo de búzios, o senhor do oráculo.

IROCO: orixá da gameleira branca.

LOGUM EDÉ: orixá da caça e da pesca; filho de Erinlé com Oxum.

NANÃ: orixá da lama, a mais antiga divindade do candomblé, mãe de Omulu e Oxumarê.

OBÁ: orixá dos serviços domésticos, uma das esposas de Xangô.

ODUDUA: orixá criador da Terra.

OGUM: orixá do ferro, da metalurgia, da agricultura e da guerra.

OMULU ou OBALUAÊ: orixá da varíola, protetor contra as pestes.

OQUÊ: orixá da montanha.

ORANIÃ: orixá das profundezas da Terra.

ORIXÁ OCÔ: orixá da agricultura.

OSSAIM: orixá das folhas; herborista que cura com as ervas.

OXAGUIÃ: orixá criador da cultura material; Oxalá quando jovem.

OXALÁ ou OBATALÁ: orixá da Criação, o que criou a humanidade.

OXALUFÃ: Oxalá quando velho.

OXÓSSI: orixá da caça e da fartura.

OXUM: orixá das águas doces, da fertilidade e da beleza; uma das esposas de Xangô.

OXUMARÊ: orixá do arco-íris.

XANGÔ: orixá do trovão e da justiça.

Orixás e santos no sincretismo

Orixá	Santo católico	O que há de comum entre o orixá e o santo
Exu	O Diabo	Os traços sexuais explícitos de Exu, sua liberdade em aceitar qualquer pedido de devotos e clientes e seu gosto em provocar confusão criaram uma imagem, errônea, que o associou ao mal e ao Diabo cristão.
Ogum	Santo Antônio	São duas as faces do santo guerreiro, lembrando que santo Antônio defendeu a Bahia das invasões estrangeiras.
	São Jorge	Os dois guerreiros armados se identificam num mesmo herói que derrota os dragões de todo dia.
Oxóssi	São Jorge	Porque são Jorge matou o dragão da maldade e Oxóssi matou o pássaro maléfico, os dois heróis se fizeram um.
	São Sebastião	As flechas do orixá caçador e as flechas do santo mártir se confundem numa coisa só.
Ossaim	Santo Onofre	Santo e orixá se juntam por causa das folhas, que Ossaim usa para curar e o santo, para cobrir sua nudez de eremita.
Omulu	São Roque e são Lázaro	Doenças terríveis que corroem a pele são a marca comum de Omulu, são Roque e são Lázaro.
Xangô	São Jerônimo	O poder de defender o homem das tempestades é o atributo compartilhado por Xangô e são Jerônimo.
	São João	O fogo, elemento de Xangô, está presente na fogueira da festa junina de são João.
Ibejis	São Cosme e são Damião	Os santos Cosme e Damião dividem com os Ibejis o sagrado mistério dos gêmeos.
Iansã	Santa Bárbara	A proteção contra o raio pode ser alcançada invocando-se Iansã ou santa Bárbara.
Oxum	Nossa Senhora da Conceição	Oxum é uma das grandes mães do candomblé, assim como Nossa Senhora é a grande mãe dos católicos.
Nanã	Santana	A idade avançada de Nanã e de Santana, mãe da Virgem Maria e avó de Jesus, fez delas uma só.
Iemanjá	Nossa Senhora da Conceição	Iemanjá, a grande mãe dos orixás e da humanidade, se confunde com Nossa Senhora, mãe de Deus e mãe dos homens.
	Nossa Senhora dos Navegantes	O mar aproxima o orixá e a santa, igualmente padroeiras dos navegantes e pescadores.
Oxaguiã	Menino Jesus	Oxaguiã, considerado Oxalá quando jovem, só podia acabar identificado com Jesus quando menino.
Oxalá	Jesus Cristo	Oxalá é o maior dos orixás, o criador do homem e filho mais velho de Olorum, o Deus Supremo; Jesus é o Filho de Deus Pai, o Criador.

LEITURAS SUGERIDAS

O CANDOMBLÉ DA BAHIA, de Roger Bastide, sociólogo francês que foi um dos professores que fundaram a Universidade de São Paulo. Obra clássica da sociologia das religiões afro-brasileiras, ensina como o candomblé se formou na antiga sociedade baiana e qual seu sentido social e cultural no Brasil de hoje.

ORIXÁS, de Pierre Fatumbi Verger. Rica coleção de fotos e textos históricos e etnográficos mostram os orixás tal como são cultuados na África e no Brasil, de modo que o leitor consegue perceber semelhanças e diferenças nos cultos.

SEGREDOS GUARDADOS, de Reginaldo Prandi. Trata da formação e mudanças do candomblé e da umbanda. Na segunda parte, mostra a influência do candomblé na cultura brasileira não religiosa e trata da divulgação e legitimidade social que obras como as de Jorge Amado, Dorival Caymmi, Vinicius de Moraes, Caetano Veloso e Gilberto Gil proporcionaram à religião dos orixás.

MITOLOGIA DOS ORIXÁS, de Reginaldo Prandi. Apresenta os mitos de cada um dos orixás revividos nas danças dos filhos de santo. A obra conta ainda com fotos e ilustrações que mostram como os orixás são representados e cultuados.

IFÁ, O ADIVINHO; XANGÔ, O TROVÃO; e OXUMARÊ, O ARCO-ÍRIS, de Reginaldo Prandi. Trilogia dos mitos mais importantes dos orixás cultuados no Brasil, são obras especialmente escritas e ilustradas para crianças e jovens. Ideais para se trabalhar a mitologia afro-brasileira com os alunos.

CONTOS E LENDAS AFRO-BRASILEIROS — A CRIAÇÃO DO MUNDO, de Reginaldo Prandi. Conta que Adetutu, uma jovem africana, é presa por caçadores de escravos e levada ao Brasil para ser vendida como escrava. Na travessia do Atlântico, num navio negreiro, Adetutu sonha com os orixás e os acompanha em suas aventuras da Criação. Outra obra destinada ao público infanto-juvenil.

ATIVIDADES DE LEITURA

✓ Ler *O compadre de Ogum*, de Jorge Amado, e comparar como agem os orixás Ogum e Exu. Procurar nos mitos de Exu e Ogum, apresentados no livro *Mitologia dos orixás* ou em outras fontes de pesquisa, quais seriam os principais traços de personalidade de cada um deles, de modo a se entender como Jorge Amado segue de perto os fundamentos mitológicos do candomblé.

✓ Sugerir aos alunos, divididos em pequenos grupos, uma pesquisa sobre as imagens produzidas por Pierre Verger (fotógrafo e estudioso de religiões afro-brasileiras, de origem francesa, que afirma ter se mudado para a Bahia, em grande parte, por causa da leitura de Jorge Amado) e que levantem também telas criadas por Carybé (pintor de

origem argentina, que era grande amigo do romancista baiano e foi quem desenhou seu logotipo pessoal). Pedir, então, que analisem de que modo essas fotografias e pinturas dialogam com o Brasil mestiço de Jorge Amado.

✓ Ler a obra *O sumiço da santa* e identificar as passagens em que Jorge Amado se refere a Iansã como santa Bárbara, e vice-versa. Depois, reescrever os trechos trocando uma pela outra. Em seguida, pode-se propor aos alunos que ilustrem a história. Mas para isso terão de empreender uma pesquisa sobre as características que representam tanto a santa católica quanto a orixá que controla raios.

✓ Ler o romance *Tenda dos Milagres* e identificar as frases em que Jorge Amado usa os seguintes termos próprios do candomblé: “feitas”, “mãe de santo”, “ogã”, “encantado”, “ebó”, “terreiro”, “orixá”. Descrever o significado dessas palavras. Finalmente, consultar um dicionário da língua portuguesa e verificar se a descrição do sentido de cada palavra confere com a acepção dada pelo dicionário.

✓ Escutar a canção “Milagres do povo”, que Caetano Veloso compôs para a trilha sonora da minissérie *Tenda dos Milagres*, baseado no romance homônimo de Jorge Amado. Procurar na letra da música elementos da cultura afro-brasileira. Em seguida, procurar identificar esses mesmos elementos nas canções de Dorival Caymmi, parceiro e amigo de Jorge Amado.

✓ Dividir os alunos em grupos e determinar uma religião a ser pesquisada por cada um deles. (Sugestão de religiões: judaísmo, cristianismo, catolicismo, candomblé, islamismo, hinduísmo, umbanda, protestantismo.) Pedir a cada grupo que pesquise os atributos do(s) deus(es), rituais de iniciação, hierarquia religiosa, modos de rezar e estrutura de uma cerimônia da religião determinada. Em seguida sugerir a cada grupo que apresente o trabalho sobre a religião pesquisada e que todos discutam semelhanças e diferenças entre elas.

